



## TEATRO DAS MÁSCARAS: A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA DA ELITE EM UBERABA NA DÉCADA DE 1940

## THEATRE OF MASKS: THE SYMBOLIC VIOLENCE OF THE ELITES IN UBERABA IN THE 1940S

João Angelo Pires da Silva\*

Universidade Estadual de Londrina – UEL

 <https://orcid.org/0000-0002-1701-7015>

[greendgraf@gmail.com](mailto:greendgraf@gmail.com)



www.revistafenix.pro.br

O livro **A Metrópole Imaginária** foi publicado pela Editora da Universidade Federal do Paraná em 2020, escrito pelo Professor Doutor André Azevedo da Fonseca, professor associado no Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), com pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Aborda em seu conteúdo a construção de uma imagem cosmopolita em uma cidade semirrural, revelando como as elites de Uberaba, em Minas Gerais, usaram artifícios culturais para ocultar a realidade empobrecida da comunidade e naturalizar violências sob o discurso de civilização. Por sua

---

\* Mestrando em Comunicação na linha de Produção de Sentido nas Mídias pela Universidade Estadual de Londrina.

formação, o autor parte da perspectiva da História Cultural para analisar as estratégias da criação e consolidação de um imaginário social e simbólico nas colunas sociais da imprensa local, do uso da etiqueta e de estrangeirismos para empedestalizar as elites, a estigmatização de parcelas da população, do círculo de bajulações e homenagens recíprocas, entre outros mecanismos de hegemonia. A obra é um estudo de caso interessante para ilustrar a manipulação de narrativas e o poder simbólico.

Com um volume de 228 páginas, o livro é resultado de extensa pesquisa do autor e deriva de sua tese de doutorado pautada na construção da imagem pública de Mário Palmério, escritor mineiro nascido em 1916, que se tornou “um verdadeiro mito da cultura política regional” (FONSECA, 2010, p. 21) do Triângulo Mineiro, sendo o livro a última parte de uma trilogia formada pelos outros lançamentos do autor *Cotidianos Culturais e Outras Histórias*, de 2004, e *A construção do Mito Mário Palmério*, de 2012.

Enquanto os dois primeiros livros tratam sobre o cotidiano histórico e a memória afetiva de Uberaba pela ótica dos acervos jornalísticos e da própria figura de Mário Palmério, respectivamente, *A Metrópole Imaginária* completa a análise debruçando-se sobre as relações sociais, econômicas e políticas da época. Assim, explicita como a manutenção da imagem da cidade, das elites municipais e dos estratos sociais se dava num jogo simbólico de exposição pública que imprimia o tom da sociedade como um todo.

*A Metrópole Imaginária* possui prefácio escrito por Francisco Marcos Reis, jornalista com vinte anos de atuação na imprensa uberabense. Com seu conhecimento da cidade, aponta os espetáculos forjados pela elite para manutenção do poder, exemplificado nos bailes, nas vestimentas, nas joias e nos eventos luxuosos noticiados pela mídia local, que se colocam em ponto oposto à vida do cidadão médio de Uberaba, de vida precária e trabalho servil nos campos e na pecuária, e que não apareciam nos meios de comunicação.

O autor situa a cidade de Uberaba e destaca o papel do imaginário social na legitimação de violências e comportamentos dominantes. Com um arcabouço teórico de autores como Marx, Durkheim, Weber, Le Goff e Baczkó explica como a classe dominante uberabense criou uma bolha de fatos sociais e um sentimento ufanista por meio da imprensa local para projetar a cidade como uma metrópole, apesar da realidade semirrural e empobrecida da maioria da população. O autor realizou uma extensa pesquisa documental datada entre 1940 e 1950, incluindo fontes do Arquivo Público de Uberaba, do Arquivo Público Mineiro e da Hemeroteca Histórica de Minas Gerais, além de seis anos de estudo de notícias, artigos e publicações da imprensa local e arquivos pessoais.

O livro inicia contextualizando geográfica e socioeconomicamente a cidade de Uberaba no estado de Minas Gerais e no Brasil. O desenvolvimento da localidade é relatado a partir de 1820, passando por períodos de grande atividade na economia da região atuando como rota dos bandeirantes, pela participação na Guerra do Paraguai como caminho e parada da investida bélica brasileira, com titulações militares atreladas ao coronelismo, pela expansão da cafeicultura como terminal de ferrovia, até o declínio metropolitano, ao tornar-se centro de produção pecuária de gado zebu, freando o desenvolvimento urbano da cidade.

Mas a decadência da modernização de Uberaba não significou que a elite uberabense não imprimiria seu poderio social e simbólico. Os grandes proprietários rurais construíram palacetes seguindo as tendências das grandes cidades urbanas e despendiam fortunas para contratar engenheiros e construtores europeus que, motivados pela riqueza das oligarquias locais, acabaram se mudando para Uberaba.

Além das fachadas modernas e dos palacetes, as elites, seguindo uma tendência da época, adotaram medidas políticas e jurídicas para controlar os trabalhadores e condenar a ociosidade, com o objetivo de rotular aqueles que

não se comportassem adequadamente, preocupados com o aumento da criminalidade, e do abismo socioeconômico da cidade.

Porém, o controle social pela violência se mostrava ineficaz, tendo em vista as mudanças ocorridas na sociedade brasileira. Em Uberaba, novas formas de dominação se desenvolveram a partir do novo imaginário que valorizava a modernização, a civilização e a cultura. Esse imaginário se tornou um recurso complexo para sustentar o poder simbólico das elites emergentes, que competiam com as elites tradicionais. A centralização administrativa do Estado Novo, o surgimento de novos atores urbanos e as transformações socioeconômicas exigiram que os aspirantes ao poder criassem novos espaços para exercer a política. A cultura do mandonismo se atualizou em uma prática de controle social mais sutil, baseada na distinção e prestígio das lideranças. As elites empenharam-se em criar uma "metrópole imaginária", um teatro social onde os próprios atores se aplaudiam mutuamente para legitimar sua preponderância sobre a sociedade através de uma permanente encenação.

O livro mostra como a imprensa local foi empregada na construção da narrativa do imaginário da sociedade uberabense. Os mecanismos de teatrocracia - nome dado por Balandier para definir o controle social por símbolos destinado a produzir efeitos que se comparam aos do teatro - utilizados serviam para regular a vida coletiva, de forma que cada elemento e cada personagem tinha seu lugar específico na trama.

As estratégias simbólicas nos estilos arquitetônicos e no uso de palavras estrangeiras para expressar uma superioridade elitista em relação aos demais habitantes da cidade criam uma distância entre a elite e os espectadores, reforçando a imagem de superioridade. O uso de veículos de comunicação criou um circuito de amabilidades que incluía trocas de elogios públicos e cerimônias de homenagens entre os integrantes da elite uberabense. Participar de clubes e associações, receber comendas, vestir-se com determinadas roupas, falar e comer coisas estrangeiras são as formas de demonstrar poder, influência

e *status*, enquanto a circularidade dos elogios e adulações reforçava a segregação social.

O autor ressalta que as elites não queriam ser retratadas apenas como economicamente abastadas e socialmente ativas, mas também como virtuosas e beneméritas. Esse discurso de bondade justificava a exclusão e violência contra grupos marginalizados. Apresentam-se, neste sentido, quatro categorias distintas de elite: a urbana, que usava a filantropia como parte da encenação; a agrária, que ostentava publicamente suas terras e fortunas, culminando na exposição agropecuária anual; a política, que encomendava reportagens à imprensa local e buscava associação com autoridades nacionais através de imagens; e a elite ilustrada, formada por intelectuais que buscavam reconhecimento social, grandeza e autoridade por meio da erudição.

A prática de policiamento das regras de etiqueta é um mecanismo eficiente para reforçar o controle social e destacar as diferenças de classes por meio de violência simbólica. Os gestos ritualísticos e cerimoniais, a etiqueta e as ditas boas maneiras possuem grande carga de significado, já que conferem distinção aos seus praticantes, classificam e separam os estratos sociais, mantendo as classes inferiores distantes, e cristaliza o lugar de cada um na hierarquia da sociedade. A cortesia burguesa, que se expressa na frieza calculada da impecável formalidade, é um exemplo disso.

Por trás da suposta caridade e benevolência da elite de Uberaba, havia intenção de controlar e “civilizar” a cidade por meio da força e do poder simbólico. Mesmo almejando ser considerada avançada e refinada, ela adotava mecanismos repressivos para manter a ordem social e impor sua visão de mundo. Assim, o refinamento e a polidez eram objetivos preciosos para essa elite, pois eram ferramentas para estabelecer sua superioridade e justificar a opressão das classes inferiores.

A ficção cenográfica da grandeza imaginária de Uberaba é o reflexo de uma nostalgia de uma elite com um desejo de controle, que teatraliza uma

metrópole imaginária, gerando uma aura de requinte e sofisticação que opõe-se à realidade da cidade, empedestalizando os grandes mandantes da cidade sobre os ombros da população pobre, que serve de apoio ao desejar ser uma elite.

A era da ilusão é a expressão apropriada para descrever o estado de espírito que tomou conta da cidade, inspirado pelo imaginário de glória e *glamour* criado pelas páginas dos jornais e dos meios de comunicação locais. O próprio jornal, exemplo maior da teatrocracia apresentada no livro, e que havia circulado ininterruptamente por mais de um século, entrou em uma espiral de crise administrativa e financeira que resultou em uma decadência irreversível, culminando em sua falência nos primeiros anos do século XXI, reflexo da situação da sociedade uberabense como um todo.

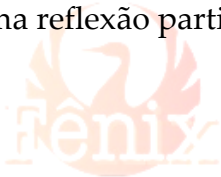
No contexto de um município empobrecido, onde a maioria da população dependia da economia de subsistência, grupos privilegiados que desejavam ser vistos como cosmopolitas fizeram um esforço consciente para proteger a imagem de si mesmos. Eles se propuseram a criar um imaginário de uma sociedade próspera, civilizada e metropolitana, povoada e liderada apenas por indivíduos modernos, elegantes e altruístas, como se fossem personagens de si mesmos. Ao confinar este espaço simbólico, o restante da população foi excluído desse universo de prestígio e, conseqüentemente, de poder. Este livro detalha como essa trama foi tecida para construir o circuito de autolegitimação dessas elites.

Apesar de uma análise local, com um objeto historiográfico e um recorte definido, a *Metrópole Imaginária* que Uberaba foi um dia pode ser universalizada como uma imagem de uma elite brasileira que, por uma nostalgia da grandeza do Império, transforma a vida num baile de máscaras onde suas personagens são tudo que desejam ser, e subjagam as classes sociais inferiores como figurantes, para que reafirmem seus próprios devaneios.

O livro, fruto de uma pesquisa no campo da história cultural, investiga as práticas e representações que foram formuladas para validar a atuação de

um grupo na sociedade. Em alternativa à história política tradicional, busca compreender a luta simbólica que estabelece classificações, divisões e delimitações para atribuir sentido à realidade, partindo do pressuposto de que as representações sociais são ferramentas através das quais os sujeitos constroem modelos de ação, legitimam projetos e justificam escolhas e comportamentos. Dessa forma, a análise das lutas simbólicas entre as classes é fundamental para compreendermos os mecanismos pelos quais um grupo social busca impor sua visão de mundo, seus valores e sua hegemonia, o que contribui para a compreensão mais ampla dos processos históricos e sociais.

*A Metrópole Imaginária* faz refletir sobre as máscaras que o poder assume e de que forma a violência, ainda que não mais física, perpetua-se no controle da sociedade. A obra oferece uma reflexão necessária para contribuir na percepção de como os meios de comunicação podem dar o tom da realidade em uma reflexão particularmente necessária em tempos de *fake news* e pós-verdade.



www.revistafenix.pro.br

## REFERÊNCIAS

FONSECA, André Azevedo da. **A consagração do mito Mário Palmério no cenário político do Triângulo Mineiro (1940-1950)**. 2010. 335 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2010.

FONSECA, André Azevedo da. **A metrópole imaginária**. Curitiba: Editora UFPR, 2020.

RECEBIDO EM: 17/11/2023

PARECER DADO EM: 09/01/2024